

# A GERAÇÃO DE 70: NOTAS PARA A HISTÓRIA DE UM CONCEITO<sup>1</sup>

Filipe Alves Moreira – FLUP  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
[filipe\\_24lit@aeiou.pt](mailto:filipe_24lit@aeiou.pt)

**RESUMO:** A partir de um *corpus* constituído por uma selecção de textos editados entre 1865 e o início dos anos 40 do século XX, este trabalho pretende acompanhar o processo de formação do conceito “Geração de 70”, registando outras designações que a este grupo de escritores foram atribuídas e reflectindo sobre os seus vários significados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geração literária; Escola; Movimento; *Geração de 70*

**ABSTRACT:** This work is going to accompany the formation of the concept "Generation of 70" from a corpus constituted by a selection of texts published between 1865 and the beginning of the 1940's, registering other assignments that have been attributed to this group of writers and reflecting about their several meanings.

**KEYWORDS:** Literary Generation; Literary School; Literary Movement; *Generation of 70*

“Abusa-se singularmente na história da cultura do conceito de «geração».  
[...] Na verdade, uma «geração» autêntica, mesmo em sentido restrito, é  
mais rara do que se pensa”  
Eduardo Lourenço

No último século e meio português, poucas gerações ou grupos de escritores têm merecido tanta atenção e exercido tanto fascínio como a chamada *Geração de 70*. Tal se torna particularmente visível na vastíssima bibliografia que lhe tem sido consagrada. Apesar disso, e tanto quanto sabemos, não foi ainda tentada uma História das várias designações que o grupo foi conhecendo ao longo do tempo, até que se fixasse aquela que nos é hoje mais familiar. Dizemos “tentada”, e não por acaso, pois basta um olhar sumário pelo ficheiro de uma biblioteca razoavelmente bem apetrechada, para nos apercebermos da impossibilidade de que se reveste a leitura, por parcial que seja, de todos os textos que a esta geração dizem respeito – o que remete qualquer trabalho realizado neste sentido para o campo sempre nobre da precariedade científica. Mas uma dificuldade não é um impedimento, e as tentativas são sempre necessárias, mesmo quando posteriormente refutadas. Por isso, decidimos aclarar um pouco esta área, reunindo e interpretando elementos que andam dispersos no acaso das bibliotecas. O nosso objectivo foi seguir, tanto quanto possível, as várias designações que, ao longo do

tempo, foram sendo atribuídas ao conjunto de escritores comumente identificados como *Geração de 70*, designação hoje consensual, mesmo quando – e talvez porque – contestada. O que, simultaneamente, constitui uma breve resenha da recepção e das leituras de que o grupo foi sendo alvo.

Estabelecemos como termo *a quo* o ano de 1865, facilmente identificável com o eclodir da Questão Coimbrã enquanto primeiro acto público de manifestação do grupo, e como termo *ad quem* o início dos anos 40 do século passado, por ter sido então, segundo cremos e procuraremos mostrar, que a designação «Geração de 70» adquiriu o estatuto canónico que hoje lhe reconhecemos. Tendo reunido uma amostra que julgamos significativa, salientaremos um conjunto de textos que se constituem como marcos deste percurso.

### I. *Geração ou Escola?*

Ao longo da chamada «Questão Coimbrã», são vários os textos em que se manifesta uma consciência geracional por parte dos opositores de Castilho, o que encontra acolhimento também entre os sequazes do velho romântico. No entanto, de resto como seria de esperar, não há ainda, nuns e noutros, uma grande preocupação em colar um rótulo à geração nascente. Em Maio de 1865, num escrito que antecipa de muito perto a querela iminente<sup>2</sup>, Pinheiro Chagas – cujos artigos, ao contrário do que já se fez crer, merecem leitura atenta – usa, a propósito de obras de Teófilo, o termo “geração” aplicado aos seus futuros contendores: “Ai têm em Portugal um dos maiores talentos literários da moderna geração, o Sr. Teófilo Braga”(MARINHO e FERREIRA, 1989, p. 53). E, mais à frente, depois de uma caracterização entre o jocoso e o certo do estilo e da poética teofilianas: “E a nova geração está quase toda por este gosto” (MARINHO e FERREIRA, 1989, p. 53).

O caso merece referência pelo facto de Chagas ser, do ponto de vista estritamente etário, um rigoroso membro da que chama “nova geração”, nascido que foi em 1842, no mesmo ano em que nasce Antero e um ano antes de Teófilo. Ao caracterizar a *nova geração*, e dela se excluindo, Chagas está, ainda que implicitamente, a secundarizar um tanto a idade enquanto factor constituinte de uma geração literária. Entretanto, num artigo subsequente (MARINHO e FERREIRA, 1989, p. 54-59), refere-se à nova plêiade que desponta no mundo das letras como “Escola Moderna”<sup>3</sup>, assim instituindo uma prática que será algo corrente ao longo da polémica (e mesmo depois): a

de aplicar aos irreverentes escritores de Coimbra quer a designação de “Escola”, quer a de “Geração”.

Estes termos revestem-se para nós de realidades diferentes, indicando “Escola” um conjunto de escritores que, independentemente de aproximações etárias, comungam dos mesmos princípios estético-literários e se reconhecem no magistério de um líder, e “Geração” um grupo que junta a aproximações estético-ideológicas uma estreita aproximação de idades<sup>4</sup>. Mas essa distinção não se encontra ainda perfeitamente estabelecida nas peças da polémica, apesar da predominância do termo “Escola”, e apesar de alguns contendores se questionarem sobre a correcta designação a aplicar aos escritores de Coimbra, casos que merecem maior atenção.

Antero de Quental, depois de, no seu primeiro folheto, ter reconhecido à designação “Escola de Coimbra” alguma sedimentação<sup>5</sup>, resolve discuti-la e negá-la no seu segundo opúsculo. Diz, então: “Graças ao deus da liberdade, não pertenço por ora a nenhuma escola além da escola do pensamento e da franqueza” (MARINHO e FERREIRA, 1989, p. 145). Com efeito, haveria alguma contradição entre a crítica veemente ao espírito de capela dos homens afectos a Castilho, e a aceitação, por parte dos rebeldes, de pertencerem a uma qualquer escola. O curioso é que Antero não parece notar, de início, tal contradição, e só a vem a acusar quando a batalha dos panfletos já vai acesa. Ele próprio o diz, em nota que segue o excerto que transcrevemos, comentando afirmações de um folheto entretanto saído, da autoria de Cunha Belém: “Não menos me espantou saber por esse escrito que pertenço a uma escola cujas opiniões o autor deduz e motiva com uma facilidade que me assombrou, a mim que não sabia pertencer a tal grémio nem a tais princípios” (MARINHO e FERREIRA, 1989, p. 145). O que, no entanto, e não sem um pouco de incoerência, não o impede de repetir, de seguida, a expressão “na chamada escola de Coimbra” (MARINHO e FERREIRA, 1989, p. 146). De resto, já um pouco antes – Novembro de 65 –, Teófilo negara de forma veemente, ainda que em modesta nota de rodapé, a existência de uma qualquer Escola coimbrã: “Não existe escola alguma [...] todavia, há quem ache conveniente servir-se dessa designação para comprometer esses homens” (MARINHO e FERREIRA, 1989, p.135).

Por seu lado, Ramalho Ortigão, em folheto justamente célebre, *Literatura de Hoje* (MARINHO e FERREIRA, 1989, p. 170 – 202), depois de análise ponderada do pensamento da falange de Castilho – incluindo considerações sobre a alfabetização das massas que, contrariamente ao que se tem por adquirido, o tornam bem menos

progressista que este último –, enceta uma cuidada e certa caracterização da Escola de Coimbra. Recorrendo à ironia como prática normal em texto polémico, Ramalho distingue duas facções a que hipoteticamente caberia a designação “Escola de Coimbra”: a dos adultos (lentes) e a dos menores, na qual inclui obras de Teófilo, de Antero e de outros cujos nomes não lhe merecem a honra de serem referidos. E prossegue: “Se é, como creio, a esta segunda ordem de escritos que cabe a designação de escola de Coimbra, sou a notar que em nenhuma daquelas obras se afigura que inovasse alguém o que quer que fosse” (MARINHO e FERREIRA, 1989, p.189). No que, aliás, repetia observações e reparos que Pinheiro Chagas já expusera. Mas se assim parece negar a existência, entre os Coimbrões, de uma Escola, já a existência de uma nova geração não lhe parece suscitar tantas dúvidas, pois mais do que uma vez emprega expressões como “nova geração” ou “nova geração literária”, no que talvez pretendesse marcar – sem grande rigor – uma oposição meramente etária.

É ainda de Janeiro de 1866 a contribuição de Camilo para a refrega, com o opúsculo “Vaidades Irritadas e Irritantes” (MARINHO e FERREIRA, 1989, p. 204-228). No que aqui nos interessa, Camilo, ainda que de forma sucinta, revela particular acutilância quanto à caracterização dos jovens de Coimbra, fazendo o que, então, poucos fazem: indagar, simultaneamente, as razões de se estar ou não perante uma nova escola literária, bem como o porquê da sua designação. No que afirma: “[...] dalguns que escrevem em Coimbra, ou escrevem de um feitio que os individualiza e classifica em escola de Coimbra” (MARINHO e FERREIRA, 1989, p.209). Infelizmente, não se demora mais na questão.

No decurso da polémica, outros questionarão a existência de uma escola literária entre os novos, mas fazem-no de forma sistematicamente sucinta. Um exemplo é Cunha Belém, em peça de 1866 intitulada “Horácios e Curiáceos” (MARINHO e FERREIRA, 1989b, p. 17-31). Ai, afirma-se explícita e convictamente dos jovens opositores de Castilho: “[...] não sabemos porque razão se deu o epíteto colectivo de *escola de Coimbra!*” (MARINHO e FERREIRA, 1989b, p. 20). O que, no entanto, não o impede de, ao longo do opúsculo, se referir com alguma abundância à escola de Coimbra (ou coimbrã), embora usando o itálico, o que não deixa de atenuar a contradição.

Em súpula da polémica, pode dizer-se que *Escola de Coimbra* (ou *Coimbrã*) é uma designação que, nesta época, se encontra amplamente divulgada, o que a torna alvo de dúvidas, interrogações e negações de alguns, sem que, mais não por seja por

comodidade, deixe de ser usada. Ao mesmo tempo, surge já o termo “Geração”, que é menos usado e, seguramente por isso, não chega a ser discutido.

Passada a batalha, fica lançado o processo de constituição de uma *nova geração* nas letras e na sociedade portuguesa, processo que não passará sem que os seus membros reflectam sobre a comunidade de interesses, estéticas, ideologias e objectivos que os une – ou não. O que, de resto, seria previsível, atendendo ao ardor um pouco caótico que presidira à revolta, à pouca idade dos intervenientes principais e ao facto frequentemente notado de que, afinal, a pouco mais de dois elementos – Antero e Teófilo – se resumia, em 1866, a *Geração de Coimbra*. Desse processo de auto-reflexão geracional salientamos três momentos.

1. A oportunidade de discorrer sobre dois confrades vai permitir a Eça de Queirós uma arguta e não menos impressiva reflexão sobre a geração que ele reconhece como sua. Aludimos aos célebres depoimentos acerca de Ramalho Ortigão e Antero de Quental. Sobre o seu antigo professor no Porto e companheiro das *Farpas*, Eça traça uma breve biografia intelectual na qual, de passagem, alude à geração que é a deles. O passo tem sido abundantemente citado:

Há quase doze anos apareceu, vinda parte de Coimbra, parte daqui, parte de acolá, uma extraordinária geração, educada já fora do catolicismo e do romantismo, ou tendo-se emancipado deles, reclamando-se exclusivamente da Revolução e para a Revolução. Que tem feito ela? [...] Esta geração tem o aspecto de ter *falhado* (QUEIRÓS, 2000, p. 31).

Convém notar, desde já, que o célebre passo surge como justificativa da acção pedagógica levada a cabo por Ramalho nas novas *Farpas*. É depois de – não sem ironia crítica – notar a viragem destas últimas de uma atitude destrutiva, pelo riso, a uma atitude construtiva, pela pedagogia, que Eça lança o famoso lamento, contrastando a inércia de parte dos seus pares geracionais com a labuta educativa de Ramalho. No resto, embora breve, não deixa de ser significativa esta caracterização que Eça faz da sua própria geração, em que – para além desse depois bastante glosado tema da falência das aspirações de juventude do grupo – realça a secundarização de Coimbra e uma definição de carácter ideológico. Ao apontar outros locais que não a cidade do Mondego como origem dos seus pares, Eça está a restringir-se aos factos, pois que vários deles nem lá viveram nem lá estudaram, o que, de resto, problematiza o uso da designação

“Geração de Coimbra”, que, no entanto, continuará a verificar-se. Ideologicamente, refere-se à sua geração em forma de oposição, procedimento dos mais comuns no processo de definição geracional. Segundo ele, como vimos, a sua é uma geração que não é católica nem romântica, distinguindo-se ainda pelo facto de ter em mente a Revolução. O processo de distanciamento do catolicismo e/ou do Romantismo, entretanto, dera-se em parte por emancipação, observação que se adequa particularmente a um texto onde se traça uma linha evolutiva para Ramalho Ortigão – de uma mundividência conservadora de *dandi* a um apostolado da Ciência e da Revolução – que, no fundo, será a evolução de toda esta geração, num processo não isento de tensões e contradições que também neste texto se notam<sup>6</sup>.

Mais alargado é o espaço que a reflexão sobre a sua geração ocupa no contributo de Eça para o *In Memoriam* de Antero. É, sobretudo, o tempo de Coimbra que aqui se refere, o que deve estar presente sempre que nos acerquemos deste texto. Continua bem visível a noção de que a sua foi uma geração revolucionária que, beneficiando do progresso tecnológico, abriu novos horizontes e afrontou interesses instalados. Mas aqui, como noutros textos queirosianos, tal revolucionarismo é concebido em tonalidades românticas<sup>7</sup>, o que não deixa de irmanar este grupo aos velhos românticos que se julgava combater. Tudo isto vem, necessariamente, desembocar na Questão Coimbrã, que Eça vai referir com uma calma analítica só possível pela distância temporal, pela inteligência crítica que demonstra e pelo facto de ele próprio ter permanecido longe da pugna. Alguns excertos chegam para mostrar como Eça, ao mesmo tempo que adianta uma explicação para o deflagrar da polémica, tem consciência da sua relativa inconsequência, bem como dos exageros que suportou e dos equívocos que gerou, o mesmo, afinal, se aplicando à sua geração:

*No meio de tal Universidade, geração como a nossa só podia ter uma atitude – a de permanente rebelião [...] O velho Castilho [...] renovara o naturalismo clássico com as suas traduções de Virgílio; e passara para a nossa língua Molière, um dos mais nobres avós da família psicóloga. Todas estas almas diversas (é certo), as moldava dentro de uma vernaculidade arcádica que as deformava: mas a sua arte de escrever era polida, e houve dignidade e beleza no seu prolongado amor das letras e das Humanidades. (Seriam hoje úteis, entre nós, um ou dois Castilhos) [...] O protesto de Antero foi portanto moral, não literário [...] De resto, eu era meramente um actor do Teatro Académico, e rondava por estas heroïcidades ou pseudo-heroïcidades, como aquele lendário moço de confeitiro que assistiu à tomada da Bastilha com o seu cesto de pastéis enfiado no braço (QUEIRÓS, 2000, p. 258 – 260).*

Se na breve biografia de Ramalho Ortigão se seguia a evolução do pensamento de um homem, agora segue-se a evolução do pensamento de uma geração, desde o grito inicial das “heroicidades ou pseudo-heroicidades” da magna polémica até ao Cenáculo, às Conferências do Casino e às posteriores desilusões, em tudo destacando, como cumpria em escrito evocativo, a figura de Antero. É curioso notarmos como, apesar dos quase vinte anos que os medeiam, há aspectos comuns e igualmente centrais num texto como no outro, quais sejam a origem polemista do grupo e o seu posterior desenvolvimento não isento de desilusões, em clima que se relaciona com muita da produção queirosiana e com o ambiente dos *Vencidos da Vida*.

2. Polémica inicial e evolução posterior enquanto vectores essenciais da sua geração marcam igual presença numa não menos célebre carta que Antero de Quental dirigiu a Wilhelm Storck, seu tradutor alemão, em 1887. Voltamos a ouvir, aqui, a descrição de um conjunto de mancebos que, electrizado pelos ventos europeus, reagiu com dureza ao magistério dos antigos:

[...] uma geração ardente, que surgia, e antes de tudo aspirava a uma nova direcção, a orientar-se, como depois se disse, nas correntes do espírito da época. Havia na mocidade uma grande fermentação intelectual, confusa, desordenada, mas fecunda (MARTINS, 1986, p. 114-115).

Também aqui vamos encontrar uma caracterização entre o sociológico e o ideológico dos “novos”, em moldes próximos dos de Eça:

[...] o que se viu mais claramente foi que havia em Portugal um grupo de dezasseis a vinte rapazes, que não queriam saber da Academia nem dos académicos, que já não eram católicos nem monárquicos, que falavam de Goethe e Hegel como os velhos tinham falado de Chateaubriand e de Cousin [...] e que, em suma havia a esperar deles alguma coisa quando assentassem (MARTINS, 1986, p. 115).

Entretanto, embora seja por igual visível a consciência do aspecto caótico da revolta inicial, ao falar no presente da sua geração, Antero parece mais optimista – e menos crítico – do que Eça de Queirós:

[...] os dez ou doze primeiros nomes da literatura de hoje saíram todos (salvo dois ou três) da Escola Coimbra ou da influência dela (MARTINS, 1986, p.115).

Mas, como se vê, também ele se preocupa mais em definir a sua geração pelas ideias e estéticas que ela recusou, do que pelas que aceitou, ao mesmo tempo que fala resolutamente numa *Escola Coimbra* a que, vinte anos antes, recusara existência, em nome da sagrada independência do espírito.

3. Não menos importante é a reflexão de Teófilo Braga, o terceiro momento de auto-consciencialização geracional que escolhemos para este nosso percurso. Concentramo-nos nos seus volumes de *História da Literatura Portuguesa*, por representarem súpula do seu pensamento (e, às vezes, mesmo simples repetição de trabalhos anteriores). Ao contrário do que seria esperável em obra deste tipo, também aqui encontramos um tom memorialista, claramente assumido por Teófilo, ele próprio, o que aproxima este depoimento dos anteriormente citados textos de Antero e Eça. Continuamos a ver a Questão Coimbra como momento inolvidável em que uma nova geração surgiu para dissipar as trevas reinantes, mas, agora, não se deixando de atribuir certo ascendente a Antero, é ao próprio Teófilo que cabem responsabilidades maiores:

E, no fundo, os nomes de Antero de Quental e de Vieira de Castro vinham ali [em texto de Castilho] para encobrirem um ódio concentrado e directo contra um desamparado espírito que abria caminho na vida sem pedir protecção aos fortes (BRAGA, 1986, p. 90).

A argumentação vai ao ponto de citar testemunhos e louvores de outrem, processo comum em Teófilo. Tome-se o exemplo da invectiva que Abel Acácio dirigira a Antero, aquando da publicação da sua carta autobiográfica, que Teófilo acolhe:

Diz mais [Antero], que esta questão [Questão Coimbra] foi o ponto de partida da actual evolução literária portuguesa. Ser-me-á lícito duvidar... [...] O sr. Teófilo Braga não só antecedeu vossa eminência nesta bela arremetida duma geração ardente contra a inércia de uma autocracia idiota, mas tem desde então continuado sempre indefectível [...] (BRAGA, 1986, p.94 – 95).

Abstraindo o tom, não raro agressivamente polémico, deve reconhecer-se justeza nestas dúvidas e restrições de Teófilo, pois que, de facto, as suas obras revolucionárias

precederam as *Odes Modernas*, e a tensão com os Românticos de anterior geração já vinha de antes. No resto, também ele, nisso seguindo Antero e Eça, vai reconhecer uma posterior evolução nas ideias da sua geração. Para isso, vai opor o momento inicial – a que chama “período de protesto” – a um posterior “período de disciplina”, no qual, seguindo ideias bem próprias, vê um aproximar ao método e à ideologia positivista, não sendo difícil objectar-lhe que, mais do que de uma geração, era dele (ou do que ele desejava que tivesse acontecido) que falava. O que é interessante notar neste desiderato, é que, tanto ou mais que “geração”, o nome que lhe ocorre é “Escola de Coimbra”, embora a dada altura lhe prefira o de “dissidentes”:

Eça de Queirós pertence a esta camada de escritores que os foliculários de 1865 chamaram *escola de Coimbra* e que Ramalho Ortigão com mais propriedade denominou *dissidentes* [...] (BRAGA, 1986, p. 202).

Aproximando-se o fim do Século XIX, continuamos a assistir à coexistência dos termos *Escola de Coimbra* e *Geração de Coimbra* (ou equivalentes), mas escassos são os autores que se demoram na definição/ caracterização do grupo. Assinalemos alguns.

Em 1886, Sampaio (Bruno) dá a lume a sua *Geração Nova – os novelistas*, consagrada ao grupo que vimos seguindo. Aí, em prefácio tão breve quanto esclarecedor, inclui como definição do grupo estas palavras:

[...] dos que surgiram, em letras e em política, à vida publica, a partir d’esse movimento de 1865, reivindicando-se dele, concorrendo para o seu objectivo, criticando-o ou alargando-lhe os horizontes. O conservantismo, desde o começo, compreendeu bem que entrava em cena uma entidade nova; denominou-a imbecilmente *Escola Coimbrã*. Depois, Ramalho Ortigão deu o nome que quadra a esses trabalhadores, chamou-lhes *Os dissidentes*. Teófilo Braga aplaudiu a escolha do termo e caracterizou o movimento. No fim, esses dissidentes são a geração nova (BRUNO, 1886, p. V- VI).

O excerto merece destaque não só pela concisão significativa, como por constituir breve história da formação e mesmo das designações da geração sobre que incide o seu estudo. Voltamos a encontrar na célebre Questão o acto fundador do grupo, mas com importância relativizada, e assistimos por igual à condenação do termo “Escola Coimbrã”<sup>8</sup>, sem que seja especificado se tal recusa se deve ao substantivo, se ao adjectivo, o mesmo é dizer sem que saibamos se Bruno contesta a existência de uma

Escola se a designação que lhe é proposta. O facto de aprovar a designação *Os dissidentes* poderá significar, até, que contesta ambas. O certo é que a designação não estava destinada a vingar (talvez porque demasiado datada), e o próprio Bruno acaba por se fixar no termo “geração”. É ainda de notar que não é só de homens das letras que o prefácio trata (“dos que surgiram, em letras e em política”), embora neles incida a atenção de Bruno – e a nossa.

Moniz Barreto, por seu lado, em tempos não muito afastados deste texto de Bruno, vai centrar-se mais na caracterização e menos na definição do grupo. Colhamos o seguinte exemplo: “A última geração literária distingue-se das que a precedem por dois traços: a preponderância da reflexão e a influência do estrangeiro” (BARRETO, 1940).

É já um quadro centrado nas características específicas das obras do grupo, e menos na sua história, ainda que, um pouco à frente, Moniz Barreto use o pretérito perfeito em passagem que se aproxima do que outros já haviam dito: “Entre os nomes de escritores que cooperaram para a introdução do espírito novo na literatura portuguesa contemporânea avulta o nome de Antero de Quental” (BARRETO, 1940).

Entrando no Século XX, encontramos algumas reflexões tendentes a melhor precisar a compreensão da em breve chamada Geração de 70, em esforços que devem ser referidos, mas que primam pela brevidade.

Em conferência realizada a propósito dos 50 anos da morte de Garrett, Xavier de Carvalho irmana as designações “Escola de Coimbra” e “dissidentes” ao mesmo tempo que opera uma (para ele, evidente) enumeração dos autores a quem caberia a honra de pertencer a tal escopo:

Les grands noms du mouvement rénovateur de l'école de Coimbra, le groupe des dissidents qui ont créé et qui ont continué après la Renaissance actuelle des lettres portugaises, sont Théophilo Braga, Anthero de Quental, Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, João de Deus, Oliveira Martins et Gomes Leal. Braga et Quental furent les auteurs de ce mouvement de pensées (CARVALHO, 1904, p. 8).

É uma lista que, exceptuado João de Deus, difere em pouco dos nomes que a tradição consagrará, apenas lhe faltando um pouco de “dúvida metódica”. E de notar é,

ainda, a justeza de se considerar o nome de Teófilo ao lado do de Antero enquanto fundadores do “movimento” – expressão do autor.

É igualmente “Escola de Coimbra” a designação que Fernando Pessoa usa em escrito de 1912 sobre a evolução recente da Poesia portuguesa, sem que, contudo, ignore o seu carácter geracional, preocupando-se até por precisar a evolução recente a ele recorrendo: “The social transformation which has been taking place in Portugal for the last three generation [...]” (PESSOA, 1994, p. 128).

E, recorrendo embora à noção de “ruptura” para qualificar a acção da dita Escola, não faz dela ruptura isolada, antes se esforça por enquadrá-la num movimento evolutivo, o que, à época, não deixa de constituir certa novidade:

“The literary change, represented by the definitive rupture with portuguese literary traditions, can be taken as having a definitive beginning with Antero de Quental and the Coimbra School, though it had necessarily been preceded by hints and attempts at such a change, going back as far as 1770 to the forgotten José Anastácio da Cunha [...]” (PESSOA, 1994, p. 128).

Movimento evolutivo esse que, no decorrer da argumentação pessoana, acaba por ser visto como uma espécie de fase preparatória (por isso, digamos, imperfeita) para a poesia saudosista<sup>9</sup>.

Chegados a 1915, é ainda “Escola de Coimbra” o termo usado por um crítico como A. do Prado Coelho (PRADO COELHO, 1919), e mesmo em 1917, Fran Paxeco (um próximo de Teófilo, o que explica em parte as suas opções) vai dar à estampa obra intitulada *A Escola de Coimbra e a dissolução do Romantismo*, o que mostra a persistência, já bem entrado o Século XX, de leituras herdadas do Século XIX. Em paralelo, registam-se várias ocorrências da expressão “geração de Coimbra”, ou do termo “geração” isolado, sem, contudo, constituírem interesse de maior.

## II. *Geração de 70?*

É entrados já na década de 20 que vamos encontrar a primeira ocorrência da expressão “Geração de 70”. Mas, antes, detenhamo-nos numa expressão que, na mesma época – início da década de 1920 –, poderia estar destinada a uma fortuna maior do que a que teve: “Geração de 1871”. Face à designação “de 70”, esta teria a vantagem de ser

mais precisa e o inconveniente de ser mais limitativa. Facilmente se vê a sua origem nas Conferências Democráticas do Casino, o que, se por um lado, ajudaria a precisar os contornos do grupo, por outro, se aplicada com rigor, excluiria nomes como os de Ramalho Ortigão, Oliveira Martins e Guerra Junqueiro, que participaram pouco ou nada nas ditas Conferências. Curiosamente, quando surge, a expressão não vem acompanhada de reflexão, o que pode sugerir uso anterior que não encontramos, como pode ser mais um sinal da relativa arbitrariedade que foi acompanhando o historial das designações desta afamada geração, hipótese para que mais nos inclinamos. Dois exemplos são J. Barbosa de Bettencourt, na sua *História Comparativa da Literatura Portuguesa* (BETTENCOURT, 1923) e António Sérgio, no primeiro tomo dos seus célebres *Ensaio*s (SÉRGIO, 1971). Registe-se os termos em que a expressão ocorre no prefácio desta edição, onde vem acompanhada do designativo “Terceiro Romantismo”, noção que constitui importante inovação sergiana<sup>10</sup> e, essa sim, terá depois vasta fortuna:

Por um absurdo decalque da cronologia da nossa história literária sobre a cronologia literária francesa, é costume dar o nome da «escola realista» aos nossos românticos de 71 e seus contemporâneos (SÉRGIO, 1971, p. 55).

[o Romantismo nacionalista] reflectia, estreitando-a, uma reacção dos Eruditos da geração de 71 (filólogos, arqueólogos, etnologistas, folcloristas, seguidas de simples amadores dos móveis antigos e do pitoresco) [...] (SÉRGIO, 1971, p. 62).

E note-se como Sérgio parece ter consciência do facto de a contemporaneidade não chegar para que se esteja perante uma única geração (“geração de 71 e contemporâneos – itálico nosso).

É de 1923 a mais antiga ocorrência que encontramos da expressão *Geração de 70*, devida a Castelo Branco Chaves e registada em estudo sobre Fialho de Almeida, primeiro trabalho deste, depois, fecundo autor. Fialho é, hoje, um nome que não se tem por hábito incluir entre os homens de 70. Tal não parecia ser a situação à data deste folheto de Castelo Branco Chaves, razão porque a *Geração de 70* é nele convocada. No entanto, se está implícita em várias passagens, ela é apenas nomeada neste ponto: “Há em Charles Maurras um período que revela um curioso aspecto da sua geração literária e onde nos surge idêntico caso ao da geração de 70, em geral e de Fialho, em especial” (BRANCO CHAVES, 1923, p. 50-51).

A passagem é bem elucidativa da tese exposta neste opúsculo sobre Fialho e, por extensão, sobre a sua geração: trata-se da depois celebrizada ideia de que a Geração de 70 terá feito um caminho ideológico desde um certo internacionalismo revolucionário até um conservadorismo nacionalista<sup>11</sup>, e o paralelo com Maurras não deixa lugar a dúvidas. Mas para o objectivo do nosso trabalho, nada adianta à sua significativa ocorrência, pois não vem ela acompanhada de reflexão justificativa. É seguramente defensável dizer-se que a expressão surgiu a Branco Chaves, sem que nela se tenha demorado, porque então já ela estaria consolidada. Mas tendemos a pensar de outra forma: Branco Chaves, à época, usou uma expressão ainda não consolidada (da autoria dele ou não) e, sendo ela mais uma entre várias que o grupo conheceu, não se preocupou em justificá-la. Adiante-se que o facto de a expressão não ter autoria bem definida, se comprova pela disparidade de designações que se vão sucedendo, pela diversidade de interpretações que, com o tempo, vai conhecendo, e pelo testemunho explícito de autores que mostram desconhecer quando terá ela surgido<sup>12</sup>.

Julgamos, por isso, que *Geração de 70* começou por ser uma designação mais entre outras e, com o tempo, foi adquirindo sedimentação canónica, pelo que o seu nascimento não ficou assinalado. E o início dos anos 20 é a época a que mais nos inclinamos para situar esse momento. Como é evidente, não pretendemos estar perante o criador da expressão, certeza para que, como começamos por dizer, seria necessária uma leitura das milhares de páginas que sobre esta geração foram sendo escritas. Mas julgamos que, a não ser esta a sua origem, não estará ela longe no tempo. Adiantamos ainda alguns outros sinais de que assim terá sido. Um deles é a imediata recepção deste estudo, o que, para o caso, se nos afigura importante. Tal recepção pode ser exemplificada pelo prefácio que a acompanha, da autoria de António Sardinha e mais tarde incluído em obra autónoma (SARDINHA, 1929). Ora, neste texto não se encontrará a expressão “Geração de 70”, sinal, para nós, de que o seu autor não a terá notado. Outro sinal é o facto de, entre os numerosos textos parcial ou totalmente dedicados a esta geração escritos na década de 20 e por nós compulsados, termos encontrado apenas em mais dois a expressão “Geração de 70”, um deles do mesmo Castelo Branco Chaves. Falamos de um estudo sobre António Nobre, escrito em 1924 e posteriormente publicado, «António Nobre e o Nacionalismo Literário».

Nele é já mais frequente a expressão que aqui nos ocupa, embora permaneça a ausência de justificação para o seu uso. E, caso curioso, neste texto são comuns

designações semelhantes, como “geração literária de 90” ou “geração de 1910”.  
Exemplificando:

Depois da geração de 70 que nos aparece sempre nobremente ocupada na reforma da mentalidade e cultura social do seu país, surpreende-nos vir encontrar desviado esse seu nobilíssimo esforço e esquecida essa alta preocupação que ficou sem eco na geração seguinte. A geração literária de 90 aparece-nos apenas, ou pelo menos quasi só, ocupada com bizantinas questões de estética [...] (BRANCO CHAVES, 1932, p. 138).

A outra ocorrência por nós notada nos anos 20 é da autoria de Silva Gaio, em conferência de 1928, posteriormente publicada, e comparece em texto dedicado aos Vencidos da Vida. Ainda aqui, sem que tal uso seja justificado, como se vê nos seguintes exemplos:

[...] entre as suas figuras [dos Vencidos da Vida] se contaram três das mais significativas personalidades da grande geração de 1870 (AAVV, 1931, p.1).  
Vem sendo de há tempo incriminada a geração de 1870 – como responsável de muitos dos nossos males – por alguns intérpretes das modernas camadas portuguesas [...] (AAVV, 1931, p. 2).

Entretanto, ainda nos anos 20, António Sérgio usa a expressão “escritores de 70”, que pode ser vista como variante de “geração de 70”: “Tivemos desta [maturidade especial] no século XIX, com Herculano e com Garrett, e depois com os [escritores] de 70” (SÉRGIO, 1980, p. 87).

Lembre-se que, a par destes sinais de que terá sido em princípios da década de 20 que o termo *Geração de 70* terá surgido, deve ter-se em conta a quantidade de textos contemporâneos em que não há vestígios dele.

É nos anos 30 que assistimos a uma mais frequente ocorrência do termo, sinal da sua próxima canonização. Vemo-lo em textos de João Gaspar Simões (SIMÕES, 1931 e 1977) – que nesta época usa com regularidade um termo que depois discutirá (SIMÕES, s/d) –, Rodrigues Lapa (LAPA, 1937), Sílvio Lima (LIMA, 1937), Rui Monteiro (REIS, 1981), José Rodrigues Migueis (MIGUEIS, 1940) e do inevitável Castelo Branco Chaves (BRANCO CHAVES, 1935 e 1937). Mas, ainda nos anos trinta, críticos tão informados como Aubrey Bell (BELL, 1931), Pierre Hourcade (HOURCADE, 1936) ou Vitorino Nemésio (NEMÉSIO, 1938) o desconhecem em importantes trabalhos que a esta geração dedicam. E se os casos de Bell e Hourcade, por serem estrangeiros, pode

ser assim explicável – mas só até certo ponto – é difícil atribuir esta ausência num crítico como Nemésio senão ao facto de, nesta época, o termo *Geração de 70* não estar ainda definitivamente consagrado.

Referência especial merecem as Histórias da Literatura, e isto porque este tipo de obra tem, normalmente – até pelo uso escolar a que não raro se destinam –, um papel de vulgarização e sistematização das ideias correntes sobre as obras literárias e os seus autores, o que as torna um barómetro particularmente sensível da fortuna de um conceito ou de um conjunto de ideias numa determinada época. Acontece que, das várias Histórias da Literatura Portuguesa publicadas até finais dos anos 30 que compulsámos, nenhuma regista o termo “Geração de 70”, dividindo-se entre “Geração de Coimbra”, “Geração realista”, ou, ainda, “Escola de Coimbra”<sup>13</sup>. E falamos de manuais da autoria de nomes como Mendes dos Remédios (REMÉDIOS, 1908), Fidelino de Figueiredo (FIGUEIREDO, 1924) ou outros hoje menos conhecidos mas não menos representativos (DIAS, 1939; FERREIRA, 1939).

Terminamos este percurso com uma obra que é já dos anos 40, mas que nos parece constituir o último sinal de que foi no início desta década que a expressão *Geração de 70* atingiu o estatuto canónico que hoje tem. Aludimos a um conjunto de conferências dedicadas aos Vencidos da Vida, promovidas, em 1941, pelo jornal “O Século”. Do conjunto de nove conferências, destacamos duas, de Damião Peres e Vieira de Almeida.

Damião Peres ocupa-se d’«A Transformação política, económica e religiosa da Sociedade Portuguesa operada pela geração de 70», no que começa por delimitar o conceito de “Geração de 70”. Para tal, principia por tecer breves considerações sobre o conceito de “geração”, conceito que, para ele, abrange um conjunto diversificado de indivíduos de várias áreas. Consequentemente, dá à *Geração de 70* uma compreensão mais vasta do que o de “conjunto de escritores”: “«Geração de 1870» é, pois, uma designação teórica que abrange políticos, sacerdotes, escritores e artistas que por volta daquele ano começaram a notabilizar-se e a exercer influência nos diversos sectores da vida nacional” (AAVV, 1946, p. 232).

Do que destacamos a inclusão, um tanto ou quanto original, de sacerdotes, e a interpretação da designação “geração de 1870” como referência ao ano – e não à década –, aspecto que virá a ser abundantemente discutido. De seguida, retomando a temática

das Conferências, Damião Peres esclarece uma questão que, à época – e mesmo depois – causaria certa polémica: “Assim, é evidente que «Geração de 70» e «Vencidos da Vida» não são expressões de idêntico significado» (AAVV, 1946, p.232).

Se Damião Peres se concentra na definição do conceito, Vieira de Almeida concentra-se no conceito em si, para o que vai discutir duas hipóteses, acabando por optar por “Geração de 70”. Sigamo-lo:

«Geração de Coimbra» é designação insuficiente e inadequada. Como em certas escolas filosóficas, designadas pelo nome do local onde florescem, este nome ocasional nada revela de conteúdo doutrinário, nada informa sobre orientação dos componentes (AAVV, 1946, p.3).

[...] da chamada «Geração de Coimbra», nome sugerido por uma questão aparentemente só literária, mas de maior profundidade e muito maior significado. Por isso, «geração de setenta» me parece melhor, mais compreensiva expressão, porque, situando no tempo, sem outro fim, marca o âmbito largo em que homens de formação, preferência, actividade diversas, lavraram fundo sulco no ambiente mental português. Nela se integram os «vencidos da vida», outro nome impróprio [...] (AAVV, 1946, p. 4).

Difícilmente se podia ser mais claro. Saliente-se que Vieira de Almeida discute qual a melhor designação a atribuir ao grupo, e não, como depois sucederá, se uma designação tradicional é a adequada. Em 1941 ainda se ponderam nomes, tempos depois vai discutir-se um deles. Nem, de resto, seria compreensível que Vieira de Almeida se tenha preocupado em afastar o conceito «Geração de Coimbra», se, à época, ele já não tivesse forte uso.

Sinal último de que é no início dos anos 40 do século passado que devemos marcar o início da época canónica do conceito *Geração de 70*, percurso final daquela *Escola de Coimbra* que, século e meio depois, tanta paixão e polémica continua a suscitar. E sinal, igualmente, de que as ideias comuns podem não ser tão partilhadas quanto parecem.

## Referências bibliográficas:

### Livros e outras monografias:

AAVV. *Os Vencidos da Vida*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

BARRETO, Moniz. *A Literatura Portuguesa no Séc. XIX*. 2ª ed. Lisboa: Inquérito, 1967.

BELL, Aubrey. *A Literatura Portuguesa (História e Crítica)*. Trad. de Agostinho de Campos e J.G. de Barros e Cunha. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

BETTENCOURT, Barbosa de. *História Comparativa da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923.

BRAGA, Teófilo. *História da Literatura Portuguesa, vol. VII – As modernas ideias na Literatura Portuguesa – a Geração de 70*. Mem-Martins: Europa-América, s/d [D.L. 1986].

BRANCO CHAVES, Castelo. *Fialho de Almeida – notas sobre a sua individualidade literária*. Lisboa–Porto–Coimbra: Lúmen Empresa Internacional Editora, 1923.

BRANCO CHAVES, Castelo. *Estudos Críticos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1932.

BRANCO CHAVES, Castelo. *Teófilo Braga e o Nacionalismo*. Lisboa: Seara Nova, 1935 (colecção “Cadernos da «Seara Nova»”).

DIAS, Augusto. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Editora Educação Nacional, 1939.

FERREIRA, Joaquim. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Domingos Barreira Editor, 1939.

FIGUEIREDO, Fidelino de. *História da Literatura Realista*. Lisboa: Clássica Editora, 1924.

MARINHO, Maria José e FERREIRA, Alberto (Org.). *A Questão Coimbrã (Bom Senso e Bom Gosto)*. Lisboa: Comunicação, 1989.

MARINHO, Maria José e FERREIRA, Alberto (Org.). *Bom Senso e Bom Gosto (A Questão Coimbrã) – 1865/1866*. Maia: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1989b, Vol. I.

MARTINS, Ana Maria Almeida. *Antero de Quental – Fotobiografia*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1986.

PAXECO, Fran. *A Escola de Coimbra e a dissolução do Romantismo*. Lisboa: Ventura Abrantes, 1917.

PESSOA, Fernando. *Páginas sobre Literatura e Estética*. Org. de António Quadros. 2ª ed. Mem-Martins: Europa-América, [D.L.: 1994].

PRADO COELHO, A. *Ensaio Críticos*. Paris/ Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1919.

QUEIRÓS, Eça de. *Notas Contemporâneas*. Lisboa: Livros do Brasil, 2000.

REIS, Carlos (Org.). *Textos teóricos do Neo-Realismo português*. Lisboa: Seara Nova/ Comunicação, 1981.

REMÉDIOS, Mendes dos. *História da Literatura Portuguesa*. 3ª Ed. Coimbra: F. França Amado Editor, 1908.

SAMPAIO (BRUNO). *A geração nova – os novelistas*. Porto: Tipografia de António José da Silva Teixeira, 1886.

SARDINHA, António. *Purgatório das Ideias*. Lisboa: Livraria Ferin, 1929.

SÉRGIO, António. *Ensaio*. Lisboa: Sá da Costa, 1971, Tomo I.

SÉRGIO, António, *Ensaio*. Lisboa: Sá da Costa, 1980, Tomo III.

SILVA, Vítor Manuel Aguiar e. *Teoria da Literatura*. 8ª ed. Coimbra: Almedina, 1999.

SIMÕES, João Gaspar. *O Mistério da Poesia – Ensaio de Interpretação da Génese Poética*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

SIMÕES, João Gaspar. *José Régio e a História do Movimento da «presença»*. Porto: Brasília Editora, 1977.

SIMÕES, João Gaspar. *A Geração de 70*. Lisboa: Inquérito, s/d.

#### **Artigos em periódicos:**

BRANCO CHAVES, Castelo. O Conceito da revolução em Eça de Queirós. *In: Seara Nova*, Ano IX, nº 205, 20 de Março de 1930.

HOURCADE, Pierre. Eça de Queirós et la France. *In: Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 1936, tomo II (n.º 2).

LAPA, Rodrigues. A Filosofia do “Vencidismo”. *In: O Diabo*, n.º 137, Porto, 7 de Fevereiro de 1937.

LIMA, Sílvio. Ainda os “Vencidos da Vida”. *In: Seara Nova*, nº 500, 1 de Abril de 1937.

MIGUEIS, José Rodrigues. Paixão e Calvário das Letras Portuguesas. *In: O Diabo*, nº 298, 8 de Junho de 1940.

ROCHA, Clara. Gerações, gerações, gerações... *In: Nova Renascença*, Porto, nº 21, Vol.VI, Janeiro/Março, Inverno de 1986.

### **Trabalho publicado em Anais de congresso ou similar:**

CARVALHO, Xavier de. De Almeida Garrett à Teófilo Braga et à Eça de Queiroz. *In: Anniversaire d'Almeida Garrett – Conférences*, Livourne, Imprimerie de Raphaël Giusti, 1904.

NEMÉSIO, Vitorino. Antero de Quental et la grande génération [1937]. *In: Etudes Portugaises*, Lisboa, Instituto Para a Alta Cultura, 1938.

---

### **NOTAS:**

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no seminário «Metodologia do Trabalho Científico e Retórica Geral», orientado pela Professora Doutora Luísa Malato Borralho.

<sup>2</sup> Note-se, de passagem, que não é isenta de dúvidas a questão do início da contenda, normalmente situada na anterioriana “Carta do Bom Senso e Bom Gosto”. Cf. *A Questão Coimbrã (Bom Senso e Bom Gosto)* (Antologia organizada e comentada por Maria José MARINHO e Alberto FERREIRA), Lisboa, Comunicação, 1989, p. 234: “[...] Chagas deixa claramente expressa a noção de que a polémica começara antes da publicação do *Poema da Mocidade* e da *Carta de Castilho* que o elogiava. Não lhe parece que este facto contraria a versão, largamente espalhada, acerca do início da «Questão Coimbrã?»” [palavras de Alberto Ferreira].

<sup>3</sup> “[...] vêem que não dou às coisas simples uma explicação que as torne ininteligíveis, sistema altamente louvável da escola moderna, e de que eu infelizmente me tenho afastado” (MARINHO e FERREIRA, *op. cit.*, p. 55).

<sup>4</sup> Caracterização compreensivelmente simplificada. De entre a vária bibliografia sobre o assunto, saliente-se, pela concisão e rigor, Vítor Manuel Aguiar e SILVA – *Teoria da Literatura*. 8ª ed. Coimbra: Almedina, 1999, p. 427-430; e Clara ROCHA, “Gerações, gerações, gerações...”. *In: Nova Renascença*, Porto, n.º 21, Vol.VI, Janeiro/Março, Inverno de 1986, p. 59-69.

<sup>5</sup> “[...] da chamada escola literária de Coimbra” [sublinhado nosso], “Bom Senso e Bom Gosto”, in MARINHO e FERREIRA, *op. cit.*, p. 111.

<sup>6</sup> Um singelo exemplo: depois de sustentar que Ramalho passara por um processo transformativo que o fizera abandonar a falange conservadora e os anseios esteticistas em favor de preocupações pedagógico-sociais, Eça afirma, passos depois, que “[Ramalho] tem, em primeiro lugar, o culto da força física e da plástica humana”, Eça de QUEIRÓS, 2000, p. 37.

<sup>7</sup> Cf.: “A pândega mesmo era idealista”, Eça de QUEIRÓS, 2000, p. 256.

<sup>8</sup> No que acaba por ser mais contundente do que o próprio Antero, como vimos.

<sup>9</sup> Lembremo-nos de que são deste ano (1912) as participações de Pessoa na “Águia”.

<sup>10</sup> Não sendo, apesar de tudo, líquido que tenha sido Sérgio o primeiro a manejar o conceito de “Terceiro Romantismo” aplicado aos homens de 70, o certo é que, décadas depois, ainda esta noção parecerá revolucionária face à de Realistas, que se julgava melhor caber ao grupo.

<sup>11</sup> A tese e os termos que escolhemos para a expor são discutíveis, mas não é este momento para os aclarar.

<sup>12</sup> Cf. “Se comumente o apelativo de «Geração de 70» (e ignora-se porque se escolheu este ano, quando mais lógico teria sido adoptar o de 1871 [...]), DÓRIA, Álvaro, «Ainda a Geração de 70», BRAGA, 1975, p. 6.

<sup>13</sup> Para além do já citado caso em que se regista “geração de 1871”. Cf. BETTENCOURT, 1923.